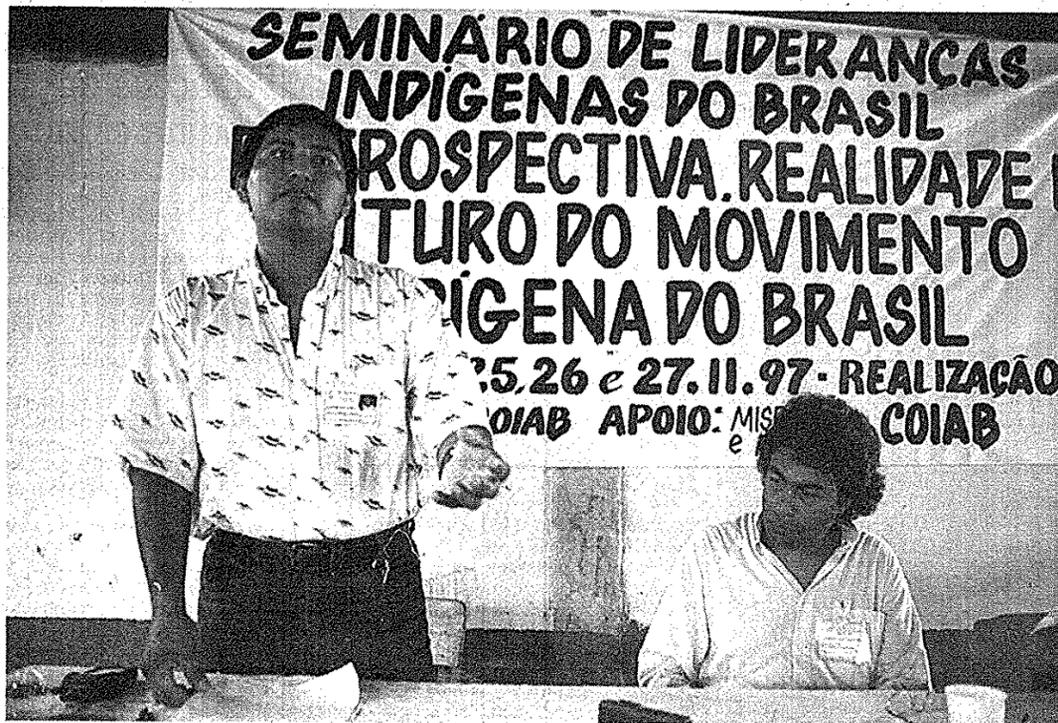
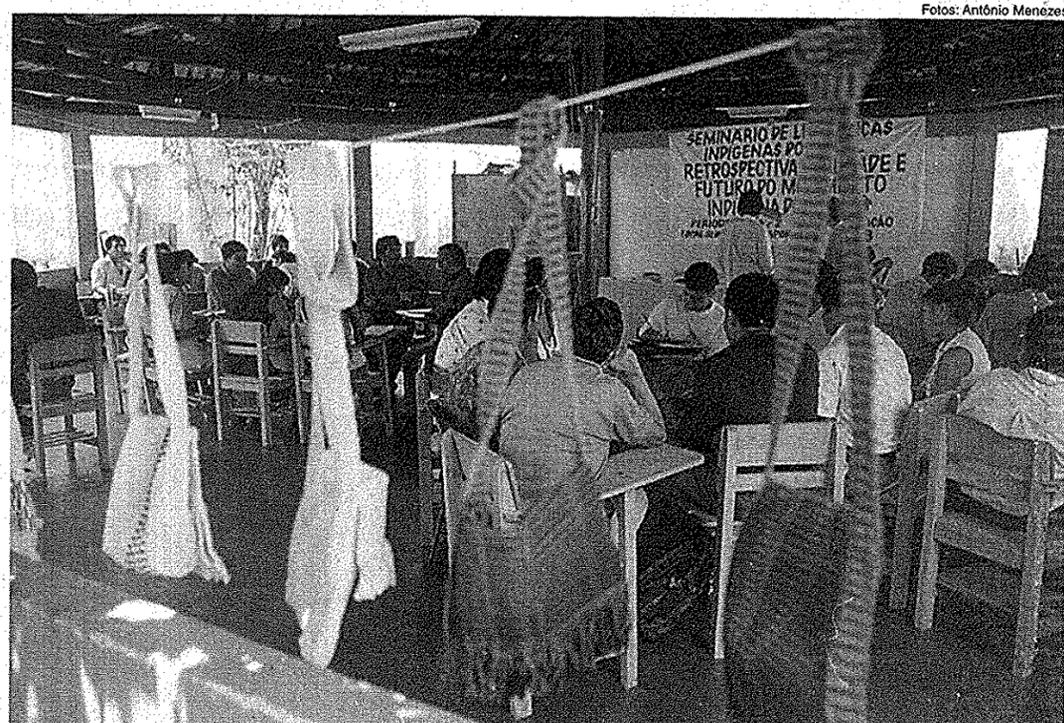


Acritica
26/11/97 p. 15
489



Darcy Marubo, da Coiab: "Não queremos mais viver nas aldeias. Queremos acesso à tecnologia"



Ontem, durante as palestras na Coiab, artesanatos indígenas ficaram expostos para a venda

Índios descartam interferência externa

Ontem, no Encontro de Lideranças Indígenas Brasileiras, os índios disseram que não querem intromissão das igrejas, entidades e políticos

Os índios querem autonomia para discutir e decidir seu destino sem a interferência das igrejas, entidades e políticos que durante 500 anos impediram o acesso dos povos de indígenas à tecnologia. A informação foi dada pelo índio Darcy Marubo, da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), durante o Encontro de Lideranças Indígenas Brasileiras, iniciado ontem na sede da entidade. Aos 31 anos de idade e 15 no movimento indígena, Darcy acredita ter chegado a hora de os índios falarem com voz própria, sem intermediários. "Não queremos mais viver nas aldeias só com arco, flexa

e penas. Queremos o acesso à tecnologia do mundo", explica o coordenador, ao manifestar-se contrário às entidades que defendem a permanência dos índios nas aldeias vivendo com arco, flexa e penas, como querem alguns antropólogos e sociólogos. "O mundo mudou e os índios precisam acompanhar essas mudanças para não desaparecerem", avalia. A proposta do encontro de lideranças, segundo Darcy, foi trazer pessoas como Ailton Krenak e Jorge Terena, historicamente ligados à questão indígena, para a troca de experiências e com isso definir os novos caminhos a serem seguidos

nos próximos anos. "Vamos montar uma estratégia para definirmos a política que queremos para os povos indígenas da Amazônia", assegura ele. Sem deixar de reconhecer, por um lado, o apoio e trabalho de entidades religiosas e sociais em favor da causa indígena, Darcy é contra as entidades que mantêm as orientações para os índios permanecerem nas aldeias. "As entidades sempre trabalharam com projetos globalizados para as aldeias, sem respeitar a diversidade", afirma, ao lembrar que durante muito tempo a formação de uma liderança sempre representou o fim de uma aldeia, porque

os demais não eram preparados para assumir o papel de líder. "Hoje precisamos investir na formação de lideranças que possam conduzir as aldeias à auto-sustentação", defende o marubo, completando que os índios têm que se preparar para assumir este papel. "O movimento precisa investir mais na formação técnica do que na formação política dos seus líderes", entende. Para Darcy, a sobrevivência dos índios, "os verdadeiros brasileiros", diante de tantos massacres e tentativas de extermínio, é uma prova de que eles têm sabedoria e capacidade para decidir, a partir de uma reflexão interna, o seu futuro.

Críticas não incomodam Cimi

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) não se sente alvo das críticas feitas pelas lideranças indígenas. "Nós sempre defendemos a autonomia dos povos indígenas", afirmou o membro da coordenação do Cimi, Egon Dionísio. Na sua opinião, a reflexão é ousada e faz parte de um momento histórico importante, mas não pode representar o isolamento das entidades e comunidades. O risco do isolamento, segundo Egon, é real na medida em que as forças que sempre exploraram e dominaram os indígenas podem voltar a se articular, aproveitando-se do momento para inviabilizar os objetivos do movimento. Mesmo reconhecendo que a prática de diversas missões que atuam em áreas indígenas é de tutela, o coordenador diz que o Cimi, nos 25 anos de atuação em todo o País, tem sido parcei-

ro na luta pela autonomia. "Eles não podem generalizar nas afirmações porque as nossas práticas sempre respeitaram e lutaram em favor do respeito à diversidade dos povos", assegura. Para Egon, é necessário reconhecer as entidades que não têm essa preocupação para que as lideranças não fiquem isoladas, tornando-se alvo fácil dos exploradores. "Se eles ficarem generalizando vão acabar falando sozinho e isso representa perigo ao movimento", alerta. Sem revelar pessimismo com o futuro, Egon acredita que os povos indígenas vão aproveitar a experiência acumulada nos anos de luta para não desarticular o movimento e dar ao Brasil o exemplo de uma sociedade diferente da que é construída pelo governo neoliberal que incentiva a miséria, a fome e a exclusão social.

Krenak aponta opções para a sobrevivência

Ao fazer uma retrospectiva histórica das lutas do movimento indígena no País, o líder Ailton Krenak, 44, de Belo Horizonte, admitiu a necessidade das lideranças voltarem a trabalhar para dentro das aldeias. "O movimento indígena não pode mais ter só atuação política para fora. Precisa encontrar alternativas de sobrevivência dentro das aldeias", assegurou. Segundo Krenak, que desde 1981 participa das organizações indígenas, o movimento nasceu reagindo à ameaça do estado brasileiro de cassar os direitos dos povos indígenas, no final da década de 70. De 1981 até 1988, o tema da luta foi o direito ao território, expandindo-se depois para a defesa dos direitos à saúde e educação específica. "Nessa época não tinha formas de representação permanente para discutir as demandas das aldeias com os órgãos governamentais", explicou. O movimento indígena, segundo Krenak, é importante por lembrar à sociedade brasileira que o índio também faz parte dessa sociedade e ter incluído temas novos como a capacitação de pessoal para administrar o território indígena com conhecimentos de agronomia, piscicultura, geologia e mineralogia. "Esta lista de temas especializados já está incluída na relação dos povos indígenas e precisa ter mais atenção dos que estão à frente das comunidades", disse o líder. Na avaliação de Krenak, em algumas regiões do País já existem programas especiais de universidades e institutos que atuam na capacitação

de índios em áreas como agricultura, inserindo técnicas que substituem as práticas tradicionais. "Temos exemplos no Acre, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina de projetos que dão certo", revela. Para Krenak, os espaços do movimento indígena só têm sentido real

se trazem respostas concretas aos problemas das comunidades, por isso admite não ser suficiente sua existência apenas como movimento político. "As representações políticas têm respondido às demandas de fora para dentro, mas agora têm que olhar as internas", afirma ele, ao defender a

busca de outras formas de organização diferentes das dos brancos, o que na sua opinião é um desafio. "Nós sempre usamos os modelos dos brancos para nos organizarmos quando temos outra história que pode nos levar a experiências mais originais", ensina.



Para o líder Krenak, o índio deve encontrar opções de sobrevivência dentro das aldeias